SAFATLE, Fernando Netto. *A Economia Política do Etanol:* a democratização da agroenergia e o impacto na mudança do modelo econômico. São Paulo: Alameda, 2011.

Ana Maria Lisboa Lima
Da Universidade Estadual de Goiás - Cidade de Goiás – Goiás - Brasil
anninha_lisboa@hotmail.com

O livro *A Economia Política do Etanol: a democratização da agroenergia e o impacto na mudança do modelo econômico* escrito pelo autor, economista e jornalista, Fernando Netto Safatle (2011) trata da matriz energética do Etanol (energia limpa e renovável que provém de matéria-prima vegetal, na qual a cana de açúcar é o principal elemento) sob a visão de questões econômicas e políticas ligadas à produção desse biocombustível.

Na realidade o texto trata mais de questões políticas do que de econômicas, pois, como o autor é um produtor de etanol em uma microdestilaria no município de Catalão estado de Goiás, a obra é fundamentada em ideias voltadas ao crescimento da produção de etanol e criação e expansão das microdestilarias, por parte de pequenos e médios produtores. E como ele também é jornalista, ele aproveitou alguns estudos que ele já tinha realizado e publicado, e acrescentou uma serie de dados coletados para contribuir na elaboração desse livro. A obra possui uma linguagem objetiva, argumentativa e clara, o que facilita a compreensão do que o autor quer transmitir.

O texto é dividido em 14 capítulos situados após a Apresentação, na qual o autor expõe o tema (produção de etanol) e os questionamentos que servem de fundamentos para a construção de ideias que esse defende em relação ao etanol. Nos três primeiros capítulos o autor faz uma retrospectiva sobre a produção de Etanol no Brasil, destacando o Protocolo de Kyoto – que visou buscar novas fontes de energias renováveis e limpa. Nesse âmbito, o autor enfatiza o Etanol como combustível que

pode substituir parte do uso do petróleo, a criação do programa Proálcool, seus avanços e recuos quanto à produção açucareira e à industrialização automobilística.

Nos capítulos de número quatro até o onze, o autor ressalta a ideia de descentralização e desconcentração da produção de etanol da região centro-sul, especialmente da Sudeste do país; a de expansão de microdestilarias entre pequenos e médios produtores; o crescimento da produção de etanol no Brasil e os seus desafios. Nos capítulos de número doze a quatorze (sendo este último a conclusão), o autor apresenta as possibilidades de resultados, tanto econômicos, quanto políticos, que podem ser gerados a partir de se executar essas medidas propostas por ele.

O etanol é priorizado, pelo autor, como uma energia limpa, renovável, que possibilita a autonomia ao consumidor de escolher o combustível que ele pode usar, e que têm no Brasil condições de ser produzido em larga escala em virtude de suas características geofísicas (clima e disponibilidade de solo propício ao cultivo de cana-de-açúcar). No entanto, essa matriz energética, também tem problemas, pois a oligopolização das usinas que produzem etanol e açúcar priorizam o produto que mais obtiver lucro internacional. Assim se o etanol não estiver gerando lucros, essa produção é diminuída, e afeta o consumidor.

Do ponto de vista empírico, ao longo dos capítulos, Safatle (2011) apresenta dados nacionais e internacionais, em formas de gráficos, tabelas e mapas temáticos, que procuram provar e defender seu ponto de vista em relação ao aumento da produção de etanol no Brasil. Um desses dados que ele apresenta é sobre a quantidade de hectares de terras disponíveis no Brasil, na qual ele defende que a produção de etanol pode crescer sem prejudicar a produção de alimentos e sem afetar o meio ambiente – muito pelo contrário, propõe ele – pois de acordo com os dados apresentados, a produção de etanol pode se expandir ao lado do desenvolvimento de outras culturas, como a produção leiteira, da qual o excedente da cana-de-açúcar pode servir de alimento para o gado.

O autor defende a elevação da produção de etanol, pois, essa produção auxiliará na preservação parcial do petróleo não renovável e ainda beneficiará a economia e o *ranking* do Brasil na economia e política internacional. No entanto, ele ressalta que a produção deve crescer, mas de forma democrática, introduzindo na cadeia de produção, pequenos e médios proprietários de terras, inclusive assentados da Reforma Agrária. Para defender esse argumento o autor apresenta dados, e faz simulações do

beneficiamento que essa ação pode causar no desenvolvimento regional, rural e social, pois segundo ele, com as instalações de microdestilarias, a quantidade de emprego rural e a renda econômica dos lavradores aumentará e a exclusão social e a marginalidade urbana diminuirá.

Para construir o pensamento a respeito da produção de etanol, ele introduz noções de economia, tais como *monopólio*, *oligopólio*, *oligopsônio*, que se fazem presente na matriz energética do etanol; e observa que essa produção está condicionada a muitos fatores que prejudica o consumidor e o pequeno produtor. Por exemplo, a oligopolização da distribuição de petróleo aos postos de combustíveis no Brasil a fora, na qual ele assinala que o etanol faz um "passeio" das usinas a essas distribuidoras, eleva o preço final do etanol em virtude dos custos de transporte). Assim ele introduz a teoria de localização, de Von Thünem, na qual ele expõe os preços do etanol de todos os Estados brasileiros, e coloca que quanto mais distante eles forem das microdestilarias e das distribuidoras petrolíferas, mais caro será o etanol e a gasolina nesses lugares.

Outro fator, que ele cita que está condicionado a esses "passeios" do etanol, é que essa política é excludente, pois as distribuidoras de petróleo não compram etanol de microdestilarias, somente de grandes usinas. Ele argumenta que essas usinas não devem ser extintas, mas que novas microdestilarias devem ser fundadas e integradas ao mercado, a fim de aumentar a produção de etanol, que contribuirá para a economia brasileira de forma geral, principalmente para a inclusão econômica de pequenos e médios produtores, e para o desenvolvimento local e regional mais equilibrado.

O autor defende a expansão de microdestilarias, mas esta expansão não ocorreria com toda a perfeição apresentada. Ele expõe os desafios que a desconcentração, descentralização e expansão da produção de etanol de forma democrática enfrentam, e acrescenta que o ramo de produção de etanol deve ter mais investimentos. No entanto, deve-se considerar que os interesses políticos de grandes empresas ligadas a produção e distribuição desse biocombustível estão em cena e que dificilmente a monopolização e oligolipolização serão quebradas, e que investimentos e financiamentos de grande porte não são efetuados, e se são, não estão acessíveis a todos.

Ao concluir a leitura desse livro percebe-se que o autor tem uma visão da produção de etanol, que surge a partir da vida que este está condicionado e da

intencionalidade que este possui em relação à forma de produção econômica e política do etanol no território brasileiro. Como microprodutor de etanol defende a ideia de expandir essa produção e sua democratização, já que se assim os benefícios, direta ou indiretamente, dessa política, podem ser partilhados com um maior número de pessoas. E dessa forma, o autor apresenta a ideia de mudança da matriz energética o que deveria ocasionar uma reorientação na produção do território em diversos Estados do Brasil – ideias que outros pesquisadores discordariam, facilmente.

SOBRE A AUTORA

ANA MARIA LISBOA LIMA - É graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UEG - Unidade Universitária Cidade de Goiás.

Recebido para publicação em 30 de Outubro de 2013
Aceito para publicação em 15 de Novembro de 2013